

---

ANTUNES, Cláudia Rejane Dornelles. Modos de ler. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.37, n. 2, p.11-23, junho, 2002.

Mariana de Souza Alves

Doutoranda em Ciência da Informação - PPGCI/UFPE

mdsa24@gmail.com

Um dos debates mais calorosos travados pelos estudiosos e estudiosas do livro e da leitura durante este século, tem sido sobre a ameaça da extinção do livro de papel diante das novas tecnologias de informação e comunicação que vêm avançando de forma cada vez mais veloz. Todavia, partindo de uma perspectiva histórica, observamos que essa suposição não se sustenta devido ao fato de que tais novidades tecnológicas ao invés de se sobrepor umas as outras, convivem concomitantemente alterando apenas os seus modos de produção e uso.

Dessa forma, a depender dos suportes de cada época (barro, metal, pedra, pele de animais, madeira, papel) a leitura se transforma gerando tanto uma ruptura de hábitos como uma necessidade de aprendizado de outros, resultando dessa maneira em técnicas de escrita e leitura nunca vistas.

É sobre esse panorama que vai discorrer Cláudia Rejane Dornelles Antunes, em seu artigo publicado pela revista *Letras Hoje* (v.37, n. 2, 2002), cujo resultado parte tanto de uma reflexão teórica como de uma experiência prática, da qual a autora participou. Doutora em Linguística e Letras (2005) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Antunes possui publicações ligadas às temáticas seguintes: Simões Lopes Neto, Literatura rio-grandense, História da literatura, Geografia Cultural, Memória e biografia e hipertexto.

Neste artigo, Antunes traz uma discussão acerca dos modos de ler numa perspectiva histórica, demonstrando como a tecnologia, que supostamente poderia prejudicar esse processo, pode ser trabalhada de forma a potencializar o ato da leitura.

Além dos fatores relacionados ao repertório do leitor, Chartier (2009, p. 100) esclarece que as maneiras de ler e as significações produzidas pela leitura estão condicionadas tanto à estrutura puramente textual, indicada pelo autor do texto, como à organização tipográfica intencionada pelo editor-livreiro. Ambas podem sugerir leituras plurais de um mesmo texto, devido às “disposições individuais, culturais e sociais de cada um dos leitores”. Além disso, o próprio objeto livro revela marcas das maneiras populares de ler.

Por isso, não foram apenas os modos sociais e cognitivos de ler que se alteraram, a estrutura do livro também mudou no decorrer do tempo. Anatomicamente novos designs, materiais e texturas foram agregando outros tipos de conteúdos ao livro, além de inseri-lo no plano digital. Tal mudança no formato do livro também influencia em sua composição, já que, conforme McLuhan, autor evocado por Antunes, os meios e suportes “carregam consigo uma força independente do conteúdo capaz de interagir e modificar os processos sociais e de comunicação na qual estão inseridos” (p.14).

Em termos de conteúdo da mensagem, a autora dialoga com Pierre Lévy, quando trata da virtualização do texto, ao refletir sobre as instâncias que permeiam o

desvelamento do texto, nos atos de descostura, desdobramentos e intertextualidades (hipertexto), num movimento de extração e dessecamento do discurso para assim elaborar o sentido próprio do leitor, numa construção que já é si mesma inacabada. Nesse caminho, trazemos Eni Orlandi (1998, p.10), que corrobora, defendendo que é na leitura que “os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo desencadeiam o processo de significação do texto”, assim “sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo que se configura de formas muito diferentes, dependendo da relação (distância maior ou menor) que se estabelece entre o leitor virtual e o real”.

No que respeita a virtualização *online* do texto, Antunes concordando com Lévy afirma que, essas novas formas de apresentação do texto aproximam o leitor da comunicação oral, por meio do diálogo e conversação oportunizados pelo hipertexto e pelos bate-papos e conversas pela internet (*chats*). Ademais tornam o leitor mais ativo do que o texto em papel e potencializam o ato da escrita oferecendo, porquanto, outras maneiras de leitura e compreensão do mundo.

O texto nos apresenta ainda, de maneira empírica, experiências que estavam ocorrendo no plano educacional internacional, cujo intuito era integrar as novas tecnologias às ações de leitura, como no caso de pessoas que já liam diretamente na tela do computador; seja em situações de leituras pessoais ou conferências acadêmicas e alunos que acompanhavam aulas com uso de computadores portáteis em vez de cadernos.

Também relata um projeto desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), cujas ações buscavam o aprendizado da leitura e da escrita por meio do computador com crianças que possuíam dificuldades de leitura, utilizando estratégias de leituras cognitivas e metacognitivas e tendo o computador como ferramenta potencializadora dessa aprendizagem.

Desse modo, a variedade de suportes tecnológicos disponíveis hoje permite modos de uso e intervenções numerosas e mais livres, por parte do leitor (CHARTIER, 1998). Além disso, promovem a liberdade e interação exigindo competências leitoras e informacionais para que ele selecione os documentos do seu interesse em meio ao mundo virtual de *hiperlinks* que congrega múltiplas modalidades de suportes.

Contudo, observando o texto em questão, partindo de um olhar atual, não podemos deixar de assinalar que, apesar de o computador ter sido visto há 15 anos, sob uma perspectiva muito propulsora e positiva, hoje notamos que a situação é mais complexa.

Ressaltamos que, devido ao fato de o texto ter sido publicado em 2002 e da tecnologia ser algo que avança rapidamente, muitos dos fatos descritos pela autora como novidade, hoje são ações comuns desenvolvidas pelos leitores, pois o acesso à *Internet* foi ampliado para a grande maioria da população, muito embora esse acesso não signifique a competência de uso. E nesse ponto, hoje os(as) educadores(as), mães, pais e bibliotecários(as) encontram-se em constante desafio sobre como lidar com esses novos usos, já que os *smathphones*, telefones portáteis, e computadores, reúnem uma infinidade de aplicativos que tem um potencial de entretenimento muito forte e terminam por diminuir a prática de leitura de determinados textos mais legitimados.

Todavia, essa é uma discussão que exige cuidado, sobretudo porque a leitura é um precedente de uso da maioria das redes sociais, seja a leitura do texto escrito ou

imagético e também nos leva a discutir o que consideramos por leitura e literatura hoje. Autores como Abreu (2006) e Cosson (2014) afirmam que o julgamento que se faz sobre o fato dos jovens não lerem atualmente é equivocado, porque essa concepção se pauta em um conceito de leitura e literatura que privilegia os clássicos como único tipo de literatura a ser valorizada.

Assim, ao passo que, as novas formas de leitura em celulares ou *e-read* (leitores de livros digitais) são modos de leitura preferidos por alguns jovens, outros não abrem mão da leitura do livro físico. Ou seja, acreditamos que devemos ser otimistas e investir cada vez mais em ações educacionais que tenham a leitura como foco independente do suporte, haja vista as colocações feitas no início desta resenha que destaca a convivência concomitante desses meios desde os primórdios da humanidade.

A leitura em outros dispositivos tecnológicos se mostra, desta forma, como mais uma possibilidade de interação com o mundo da leitura e literatura e, por isso, é premente que os educadores se mantenham atentos a essas particularidades e diversidades de suportes de modo a dinamizar, respeitar e democratizar cada vez mais o acesso à leitura e às formas de ler. O artigo em questão é uma leitura que merece ser feita (e refletida partindo do contexto atual), por educadores(as), bibliotecários(as), mães, pais e todos os(as) interessados(as) sobre os desafios da leitura diante das tecnologias novas de informação e comunicação.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: **Práticas da leitura** [sob a direção de Roger Chartier]. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 77-105.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1998.